

RAMOS COTOCO

EDIGAR DE ALENCAR

Na galeria imensa das figuras que se popularizaram no Ceará, notadamente em Fortaleza, avulta a de Raimundo Ramos, filho, mais conhecido pela alcunha de Ramos Cotoco, em vista de haver nascido sem o antebraço direito.

Filho de pais abastados, de família tradicional pela sua extensão, pela inteligência de alguns dos seus rebentos e também pelas reviravoltas da sorte a que sempre esteve periodicamente sujeita, ainda adolescente se viu privado de recursos, abandonando estudos e abraçando a carreira de pintor embora o seu defeito físico.

Pertenceu Ramos Cotoco à fálange dos boêmios que foi sempre fértil no Ceará, onde vários pintores, mesmo de portas e paredes, ora também são poetas, ora ficcionistas ou músicos.

Ramos Cotoco cedo se tornaria um tipo popular em Fortaleza como pintor, poeta, músico e sobretudo como boêmio excêntrico. Seresteiro impenitente, amigo das noites em claro, das estúrdias, gostava de escandalizar. Usava gravatas ber-rantes cujos laços êle mesmo dava com incrível habilidade, com o auxílio do côto de braço, e na lapela trazia sempre um enorme girassol ou um apanhado de borboletas (lírios do vale). Em um dos carnavais externos, de que era integrante destacado, apresentou-se envergando vistoso e bem talhado terno de estôpa (juta), tecido utilizado na confecção de sa-caria.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Possuía bela voz, gostava de jôgo e do álcool, sem ser viciado em nenhum dêles, pois abandonava um ou outro para cair numa serenata em noite de lua. Tão marcante a sua atuação ao pé do violão que chegava a ter acompanhador certo como o violonista Abel Canuto.

Ramos Cotoco, apesar da sua vida boêmia, publicou em 1906 o livro "Cantares Boêmios", edição cuidada da Empresa Tip. Litográfica a Vapor. Merece especial menção a boa apresentação gráfica do volume, que além da capa ilustrada, com retrato do autor, insere na sua parte final a pauta musical de vinte e quatro modinhas. É, assim, um livro raríssimo, de há muito exigindo reedição.

Ramos Cotoco iniciou-se na poesia muito cedo. No referido livro há composições datadas (outro detalhe curioso: todos os poemas trazem data) de 1888, quando não deveria contar mais de 20 anos de idade.

É poeta descuidado na forma, sem grandes surtos. Fernando Weyne, que o prefaciou, faz-lhe restrições justas. A primeira parte de seu livro — "Cantares" — não desperta maior atenção, se não numa que outra poesia musicada. Mas na segunda parte — "Boêmios" — aí o artista do povo se denuncia. Pela espontaneidade do verso, pela temática atualíssima, pelo tom brejeiro e pela filosofia de vida que tão acentuadamente se revela.

Ramos Cotôco talvez seja mesmo o nome de maior projeção na modinha cearense, que teve destacados cultores como João Quintino, Quintino Cunha, Roberto Xavier de Castro (melodista), Carlos Severo e Amadeu Xavier de Castro. Isso porque foi o mais autônomo de todos, o que mais se fixou nos costumes, nos fatos e nas coisas do Ceará. Enquanto os outros todos seguiam o habitual diapasão monótono, num lacrimejar constante, Ramos Cotoco preferiu a ironia, a sátira, a piada, o comentário gracioso, a caricatura mordaz e espirituosa.

Como modinheiro, Ramos Cotoco foi verdadeiro cronista sonoro. Nenhum acontecimento em Fortaleza lhe escapava ao comento musical. A chula, a cançoneta, a paródia brotavam-lhe fáceis e felizes. Cantando ou simplesmente poetando, glossava o fato mais trivial.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Se o mercado ostentava nos tabuleiros e mesas opulenta safra das gostisíssimas frutas-de-conde, o poeta-boêmio trocadihava logo:

*Grito, então, para a mulata:
Ata rachada faz mal
E eu não como ata rachada
Que ata rachou nada val.*

As vêzes o poeta caustica forte como na poesia "Arranhões", quando irônicamente aponta as razões do êxito:

*Levar bofete sem voltar a frente,
Não ter caráter, ser capacho, ruim,
Não ter vergonha com que o insulto afronte,
Ser vil, ser mau, ser miserável, enfim.*

*Tendo êstes dons — tem a fortuna feita!
Tendo êstes jeitos — garantido está!
Porém se acaso ser assim rejeita.*

Fuja pra longe, vá... pescar cará.

É de 1893 o tango (polca) "Cangatis", em que focaliza o derrame de peixe em Fortaleza com o arrombamento da barra do Cauípe:

*De mais de quarenta léguas
Foi povo pra apreciar
A barra lá do Cauípe
Que estava para arrombar.*

*Eu também fui,
Eu também vi
Curimatãs
E cangati.*

*Arrombou e foi embora,
Mas deixou no Ceará
Traíras, curimatãs,
Cangati, muçu, cará.*

Como o mata-pasto brotasse brabo nas ruas de Fortaleza e a polícia colocasse os presos para seu arrancamento, outro tango (polca) apareceria glosando o fato:

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*Para arrancar mata-pasto
Ser arrancador perfeito
Não é preciso ter fôrça
Precisa sòmente jeito.*

*Os homens arrancam verde,
As mulheres o maduro
Pois elas são mais jeitosas
Dão o golpe mais seguro!
Eles arrancam na rua
E elas a do pé do muro.*

A falsificação de estampilhas, o jôgo-do-bicho, o artesanato das “varandas” de rêdes, os impostos, a moda feminina, tudo era motivo à musa brejeira e risonha de Ramos Cotoco.

Os bondinhos de burro, parecendo até brinquedos e que tanto colorido deram à capital cearense daqueles tempos, mereceriam do poeta expressivas canções e poemas. “O Bonde e as Môças” possui bonita melodia, além dos versos saborosos:

*Na rua onde o bonde passa
Môça não pode engordar
Não trabalha, não estuda
Não descansa... é um penar.*

*Se o bonde passa
Está na janela.
Se o bonde volta
Ainda está ela.
Namora a todos,
É um horror:
Aos passageiros
E ao condutor.*

Recentemente tomei conhecimento dessa modinha (tango brasileiro) executada lindamente pelo Coral do Conservatório de Fortaleza, dirigido por Orlando Leite, e anunciada como “tema folclórico”! Ao nome de Ramos Cotoco não havia a

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

menor referência. Fiz alusão ao fato em artigo publicado no Rio e em Fortaleza (“O Povo”), sob o título “Folclore e Falsidade”. O reparo se fazia sentir, pois a composição é uma jóia musical, das melhores do cancioneiro cearense.

Mas o bonde também receberia uma boa zurzidela do poeta em outros versos não musicados, dedicados “ao dono... dêle” (do bonde):

*Noutro tempo teu bondinho
Era um brinco delicado:
Tinha um sacolejozinho
Que nos deixava babado!*

*A noite, quando a passeio,
Eu andava livremente
Não tinha o menor receio
De andar na frente...*

*Hoje os sacalões eu temo
Só me assento bem atrás.
Para não levar o demo
Como a muita gente faz.*

Em “O Matuto na Cidade”, com música de “Seu Anastácio”, Ramos Cotoco faz um repasse dos acontecimentos da época (1903). Fala nas sezões do Amazonas, nos vôos de Santos Dumont, na morte do Papa, na República nascente, no ciclismo em moda, na estátua do General Sampaio, na iluminação das ruas, no gramofone, no trem e no mercado de ferro. Sobre êsse há uma estrofe sugestiva:

*Fui à fêra de ferro. Ou qui badéja!
Qui negoço bem feito e bem tratado!
As balança parece sé de ouro...
E a carne magra custa dois cruzado!*

A emigração para o Amazonas deu-lhe ensejo de produzir interessantíssima paródia à canção portuguesa em grande moda, “A Margarida” (“Margarida Vai à Fonte”).

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Cearense vai ao Norte
Cearense vai ao Norte
Sonhando áureo castelo
Sai daqui robusto e forte
De lá se escapa da morte
Volta magro e amarelo
Sai daqui robusto e forte
Volta magro e amarelo.

.....
Vai de camisa e ceroula
Vai de camisa e ceroula
As vêzes rasgada em tira
Vem de lá todo pachola
Chapéu-de-sol e cartola (bis)
E terno de casimira. (bis)

Por vantagens tão pequenas (bis)
Qual loucos desmiolados,
Deixam as plagas amenas,
Embarcam daqui centenas (bis)
Voltam quatro assezonados. (bis)

Essa paródia teve grande repercussão na Amazônia, onde aliás o livro de Ramos Cotoco mereceu carinhosa acolhida.

Mesmo os que não lhe ouvissem a advertência e partiam rumo à selva amazônica levavam na trouxa ou no baú de flandres os "Cantares Boêmios".

Os exageros da moda, os arrebiques, os espartilhos, os insofridos meneios e saracoteios das môças feias e casadoiras, tudo isso caía no registo sonoro e mordaz de Ramos Cotoco.

De índole folgazã e brigona ao mesmo tempo, nem por isso fugia a transbordante lirismo. Foi autor também de delicadas modinhas como a valsa "Nubente", "Pensando na Partida", "Beijemo-nos" (valsas), incluídas no seu único livro, e "Sonhos de Noivos" e "Serenata", aparecidas depois da publicação daquele. Pena é que se tenham perdido na tradição oral muitas outras composições suas, algumas publicadas com o pseudônimo (anagrama) Osmar, na década de 1907 a 1916, ano em que faleceu.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Mas inegavelmente o que mais avulta na obra de Ramos Cotoco é a modinha de costumes, a canção jocosa de glosa e crítica, no que foi único em sua terra. Aí ninguém o sobrepuja. Como artista do povo, ao povo dedicou o maior contingente de seus trabalhos. Não se humilhou nem jamais se sentiu diminuído em cantar, por vèzes com derramado lirismo, caboclas e mulatas, tecelonas e cozinheiras, engomadeiras, pescadores, serranas, camponesas, matutos, prisioneiros, velhuscas e seringueiros. Tôda a Fortaleza do fim do outro século e do começo dêste desfila nas páginas boêmias do "Cantares".

Também não esqueceu de fazer o preconício poético e musical das guloseimas e bebidas da terra. Ao aluá dedicou versos interessantíssimos:

*Nas noites lindas e belas
Quando a lua beija a areia
Nos arrabaldes, vêm elas,
As morenas tão singelas
Dar aluá em tigelas.
E eu bebo... tigela e meia.*

.....
*Todos os que têm morrido,
Filhos cá do Ceará,
Se foram bem doloridos
Deixando a terra, sentidos,
Soltando fundos gemidos
Com saudades do aluá.*

Mesclando o seu sentimentalismo à alegria congênita do cearense, que, ao contrário do pensar de alguns sociólogos e visitantes apressados, é um povo visceralmente alegre, Ramos Cotoco soube ser da sua terra e da sua gente. Autêntico poeta do povo, a sua temática imerge profunda e conscientemente nas camadas populares.

O senso agudo de observação com que feria os motivos menos poéticos e de maior vivência na época fazem-no, sem sombra de dúvida, um cronista curioso e pitoresco da Fortaleza de outros tempos.